

DISCIPULADO E COISAS MATERIAIS

Lições Do Caminho

Co (Ecle) 1,2; 2,21-23; Cl 3,1-5.9-11; Lc 12,13-21

Continuamos a acompanhar o Caminho de Jesus para Jerusalém (Lc 9,51-19,28) onde ele será morto para o bem de todos e de onde sairá novo movimento de evangelização para o resto do mundo através dos apóstolos. E continuamos a escutar suas lições durante esse Caminho. Trata-se de **LIÇÕES DO CAMINHO**. A lição que ele nos dá hoje é esta: Como devemos nos comportar diante dos bens deste mundo; os bens que na verdade são de Deus-Criador destinados como dons a todos. Os bens terrenos não são bons nem maus do ponto de vista moral. O uso que fazemos deles é que faz com que eles se tornem bons ou maus.

A lição que Jesus quer nos dar parte de uma questão relacionada com herança. Um homem (sem nome) se queixa a Jesus porque o irmão não quer repartir com ele a herança. Segundo as tradições judaicas, o filho primogênito de uma família de dois irmãos recebia dois terços das possessões paternas (cf. Dt 21,17). O homem que interpela Jesus é, provavelmente, o irmão mais novo, que ainda não tinha recebido nada. Era freqüente, no tempo de Jesus, que os “doutores da lei” assumissem o papel de juizes em casos similares. Como é que Jesus se vai situar face a esta questão?

Jesus se recusa, delicadamente, a envolver-se em questões de direito familiar e a tomar posição por um irmão contra outro: “Amigo, quem me fez juiz ou árbitro das vossas heranças?”. O que estava em causa na questão era, na verdade, a cobiça, o apego excessivo ao dinheiro. A cobiça dos bens é idolatria: não conduz à vida plena, não responde às aspirações mais profundas do homem, não conduz a um autêntico amadurecimento da pessoa.

Para aprofundar a lição Jesus conta uma parábola sobre um homem insensato que se identifica com os bens e se sente seguro e chegou a dizer a si mesmo: “Então poderei dizer a mim mesmo: Meu caro, tu tens uma boa reserva para muitos anos. Descansa, come, bebe, aproveita!”. Ninguém está tão só como este homem rodeado, quase sufocado, por seus bens. É um indivíduo sem nome, sem rosto. Ele se identifica com as próprias riquezas. Ele mesmo se converte em campo, em grão, em trigo, em numero. Já não é um homem. É uma coisa no meio das coisas. Os bens, em vez de ser meios, se convertem em fim. Ele se esquece de que tudo escapará de suas mãos: “Insensato! Ainda nesta noite, pedirão de volta a tua vida”, diz Deus ao homem que se sente seguro pelos bens que tem. O verdadeiro dono das coisas não é o homem algum. Ele tem somente direito para usufruí-las enquanto puder e estiver vivo.

Ele é chamado de “insensato”, “nécio”. Biblicamente o néscio/insensato é um modo de falar de um homem que praticamente renega Deus (Sl 14,1). Ele não conta com Deus nem vê a ameaça de morte. É o homem que põe toda sua confiança num falso fundamento. Ele é néscio ou insensato porque funda a própria segurança em ter e não em ser. Porque se identifica com as coisas, e não as transforma em sacramento de comunhão com os irmãos. Porque ele crê que muito dinheiro significa muita vida. Porque ele pensa que a possessão egoísta dá alegria. Porque ele não chegou a ter consciência de que é impossível encher o vazio com as coisas.

A segurança ou a seguridade é um dos mitos mais eficazes de nossa civilização e um dos tópicos mais difíceis de nossa cultura. As nações implantaram a “segurança social” e dispõem de poderosíssimos meios para a defesa da segurança do Estado. A segurança publica está constantemente no ar pela onda crescente de delinqüência, de roubo, de assassinato, de seqüestro etc. Os onipotentes meios de comunicação social atormentam diariamente nossos ouvidos com suas celebradas frases publicitárias: trabalhe, porem seguro; assegure seu porvir. Tudo está garantido pela segurança.

No entanto, paradoxalmente, diante de toda essa prometida segurança, o homem sente hoje mais do que nunca sua insegurança. Todas estas seguranças parecem estar gritando que a última segurança não está em nossas mãos: “Insensato! Louco! Ainda nesta noite, pedirão de volta a tua vida”, diz Deus ao homem que se sente seguro. Não há dinheiro para acabar com a morte. Se olhar tudo a partir deste ângulo tudo será ordenado, tudo ganha sua justa perspectiva e seu próprio valor e orientará bem o homem nas suas escolhas mais corretas e justas de cada dia.

A possessão é, sobretudo, toda limitação de liberdade. Nosso espírito e nosso coração tendem a se tornar pequenos, a reduzir-se às dimensões dos objetos sobre os quais se fecham. Porém, uma coisa, um bem material jamais se deixa “violado” pela carteira ou pelas pessoas. Por isso, ainda que uma coisa pertença a mim, ainda que seja “minha”, ela continua “inviolada” em sua essência mais verdadeira e sempre me deixará insatisfeito. A coisa permanecerá obstinadamente “alheia” a mim, escapará de minha mão ainda que eu tente retê-la.

Para possuir verdadeiramente uma coisa, é necessário estabelecer com ela não uma relação de possessão, de agressividade e sim a relação de participação, de maravilha e de contemplação. A terra pertence àqueles que nada reivindicam. Somente quem ora, tendo as mãos vazias e livres, pode orar nas coisas e com as coisas. Normalmente ficamos preocupados com as mãos sujas para podermos nos alimentar. Na realidade, as mãos estão manchadas somente quando retêm algo. Nós nos preocupamos em ensinar a criança a caminhar. No dia em que a criança der os primeiros passos, se celebra como um grande acontecimento na família. Precisamos fazer sempre um passo adiante, diariamente, na direção do Senhor da Vida plena. Jamais viremos estátuas.

A avareza é um desvio do significado de infinito, uma transposição do absoluto para o que é relativo; ela consiste em acreditar que a riqueza não é um meio para se servir, mas a própria razão de ser da vida. Tudo que amamos por causa de nós mesmos, fora de Deus, só cega nosso intelecto e paralisa nosso julgamento sobre os valores morais; vicia nossas opções, de maneira que não podemos distinguir com nitidez o bem do mal nem saber qual é a vontade de Deus. Quando amamos e desejamos as coisas por elas mesmas, ainda que tenhamos o conhecimento dos princípios morais gerais, não os sabemos aplicar para nossa vida diária. A avareza obscurece nossa visão das pessoas, das coisas e da vida.

“Se ressuscitastes com Cristo, esforçai-vos por alcançar as coisas do alto, onde está Cristo, sentado à direita de Deus; aspirai às coisas celestes e não às coisas terrestres. Pois vós morrestes, e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus” (Cl 3,1-3), aconselha-nos São Paulo. Pelo Batismo e no Batismo, participamos da morte e da ressurreição de Jesus. Morremos com Cristo misteriosamente para começar uma vida nova. Se recebemos de Cristo uma vida nova misteriosamente, é necessário, conseqüentemente termos uma mudança de conduta orientada pela Palavra de Deus. Por esta razão somos chamados a ser despojados a exemplo de Cristo.

O despojamento é o ponto de encontro com Deus. E Deus só oferecerá a riqueza da sua graça ao humilde, ao que saiba despojar-se de si mesmo. Todo homem despojado é bom e livre. “O homem bom é livre, mesmo quando é escravo. Um homem mau é escravo, mesmo quando é rei. Não serve a outros homens, mas a seus caprichos. Tem tantos senhores quantos vícios” (Sto. Agostinho).

Portanto, necessitamos reler e ouvir permanentemente o que Jesus nos diz hoje: “Insensato! Ainda nesta noite, pedirão de volta a tua vida!”.

Rio de Janeiro, 31 de julho de 2010
Vitus Gustama, SVD